

EDITORIAL

Iatrofarmacogenia

Extensa literatura focaliza o tema em apreço, levando-se em consideração o grande número de fármacos existentes, ao lado de novos recursos diagnósticos e terapêuticos, trazendo sempre eventuais riscos aos pacientes. A medicina de hoje é agressiva, plena de poderes, porém, também, rica de perigos. Não existem mais drogas anódinas, e muitos fármacos usados na gravidez produziram seres humanos bastante distintos dos arquétipos Adão e Eva, de onde todos nós derivamos.

A Iatrofarmacogenia pode ser definida como o mal que vem da tentativa de salvação. Ela caracteriza toda doença ou estado mórbido, tanto da esfera física como da psíquica, decorrente da intervenção do médico e de seus auxiliares, seja certa ou errada, justificada ou não, mas da qual resultam conseqüências prejudiciais para a saúde do paciente. Num sentido amplo, aquela expressão designa as doenças e manifestações provocadas pelo emprego dos medicamentos em geral, das radiações, do sangue, dos contrastes radiológicos, dos anestésicos e, por outro lado, as que podem ser induzidas por atos cirúrgicos ou pela ação pouco prudente do médico ou da enfermeira, por um mecanismo de sugestão, através de impactos emocionais, constituindo este grupo as chamadas “doenças psicogênicas”.

Iatrogenia é um termo consagrado e nada tem de pejorativo. Mesmo que não o faça deliberadamente, o médico, até sem o emprego de medicamentos, através de técnicas diagnósticas muito em voga na medicina de nossos dias, pode provocar agravos na pessoa do doente.

A atividade profissional do médico está sujeita a riscos inerentes ao ofício, e estes precisam ser conhecidos e analisados, para que se possa realizar sua profilaxia.

De modo algum, partilhamos da anti-medicina de Illich, pretendendo denunciar como nociva, ao indivíduo e à sociedade, a prática corrente dos atos médicos, exercida pelo que ele chama de “empresa médica”. Para nós, a medicina possui valores transcendentais que merecem ser respeitados. A prática da “arte divina” tem que ser preservada naquilo que ela possui de mais belo: o culto desinteressado ao doente, o amor à Ciência e à observância da magnitude de sua função social.

Para a profilaxia da Iatrofarmacogenia, é necessário conscientizar cada vez mais o médico de nossos dias. Aprenda a viver com poucos remédios — eis uma das receitas a ser proposta. Prescrever apenas quando necessário; deixar de prescrever quando não veja uma indicação válida. As doenças psicogênicas geradas pelo médico serão eliminadas quando, no exercício da profissão, se estabelecer um melhor relacionamento médico-paciente, neste colóquio verdadeiramente singular que se estabelece entre dois personagens.

No campo da Enfermagem, em contato permanente com a dor e o sofrimento humano, a enfermeira poderá diminuir a incidência das doenças e manifestações iatromedicamentosas. Através da palavra, “medicamento” que nenhum laboratório conseguirá fabricar, pode a enfermeira exercer papel decisivo no sentido de diminuir o estado de tensão dos pacientes, que voltam ao estado de infância, quando molestados por doenças físicas ou mentais. É preciso que o homem doente seja tratado com dignidade e respeito, qualquer que seja sua condição social. Com carinho e amor, consegue-se transformar, muitas vezes, tênues fímbrias de esperança no lenho ardente da vontade de viver.

Carlos da Silva Lacaz